

mercado



Funcionários trabalham, nesta sexta (8), na montagem de motor em linha de produção de caminhões na Mercedes, em São Bernardo do Campo (ABC paulista)

Montadoras criticam governos após encerrar 2020 com retomada em ‘V’

De Brasília setor cobra plano de ajuda, e do Palácio dos Bandeirantes, revogação da alta do ICMS

Eduardo Sodré

SÃO PAULO Em entrevista coletiva nesta sexta-feira (8), logo após apresentar os resultados do setor automotivo em 2020, Luiz Carlos Moraes, presidente da Anfavea (associação das montadoras), mandou recados ao ministro da Economia, Paulo Guedes, e ao governador de São Paulo, João Dória (PSDB).

“Não houve, substancialmente, nenhuma evolução nestes dois anos”, disse o executivo, em referência à reforma tributária e a um esperado plano de auxílio para a indústria. “O Brasil precisa melhorar a competitividade, senão vai ficar exportando apenas soja, minério e petróleo.”

Para Dória, a mensagem é de repúdio ao aumento do ICMS. “A gente entende que não é o momento de aumentar a carga tributária, que afeta os investimentos e cria um outro elemento que não estava no nosso radar”, afirmou Moraes sobre o que define ter sido uma “surpresa desagradável”.

Demonstrar insatisfação em praça pública é algo raro no setor automotivo e mostra o quanto as relações mudaram ao longo de 2020, ano que beirou o desastre e terminou com alta vultosa na venda de carros —uma retomada em “V”, do jeito que o ministro gosta.

Foram comercializados 469 mil veículos leves e pesados no último bimestre. Em comparação a novembro e dezembro de 2019, houve queda de 7,1%. É um resultado soberbo diante das perdas registradas em abril e maio, quando houve retração de 75,3% em relação a igual período do ano passado.

No acumulado do ano, os emplacamentos caíram 26,2%, para 2,06 milhões de unidades.

Já a produção de veículos registrou queda de 31,5% em comparação a 2019 —foram montados 2,01 milhões de carros em 2020. O resultado está em linha com as previsões divulgadas pela Anfavea entre setembro e outubro, já considerando a retomada. Em julho, o tombo era estimado em 45%.

O resultado confirma a recuperação do setor no segundo semestre e faz a entidade projetar crescimento de 25% na fabricação de veículos em 2021, para suprir a demanda nos mercados interno e externo.

Moraes afirma que a estimativa de crescimento pode parecer boa, mas uma produção

ção de 2,52 milhões neste ano ainda equivale a apenas 50% da capacidade instalada na indústria automotiva.

Problemas com o fornecimento de peças foram contornados em dezembro, que terminou com 209,3 mil unidades produzidas —alta de 22,8% ante o mesmo mês de 2019, mas queda de 12,1% em relação a novembro.

Segundo o presidente da Anfavea, a situação ainda não está normalizada. O executivo afirma que o avanço da pandemia pode afetar fornecedores e até o trabalho de desembaraço nos portos.

A entidade estuda possibilidades para antecipar a vacinação de seus funcionários e poder acelerar o ritmo nas fábricas, mas depende do posicionamento dos governos e da possibilidade de adquirir os insumos para realizar campanhas em seus ambulatórios.

Mas, apesar dos problemas, os bons resultados dão confiança para a indústria automotiva marcar território e, de certa forma, devolver as alfinetadas que recebeu de Guedes no começo do governo Bolsonaro (sem partido). O então recém-empossado ministro criticava com frequência a política de subsídios concedidos às montadoras há décadas.

Ao longo do ano, fabricantes cobraram o pagamento de créditos tributários prometidos sob Dilma Rousseff (PT), se queixaram da falta de apoio do BNDES e agora, em 2021, direcionam críticas para Dória.

O setor mais prejudicado pela mudança do ICMS é o de veículos usados. A nova forma de calcular o imposto representa aumento de 207% no tributo. A partir do dia 15, a alíquota passa de 1,8% para 5,53%. Dessa forma, um lojista que pagava R\$ 900 de imposto ao negociar um carro usado por R\$ 50 mil verá o valor subir para R\$ 2.765.

Para os automóveis zero-quilômetro, a alíquota passará de 12% para 13,3% no dia 15 e sofrerá novo reajuste em abril, para 14,5%.

Em protesto, revendedores de São Paulo devem fechar as lojas neste sábado (9) e prometem fazer carreatas pelo estado. O movimento tem o apoio da Fenauto, entidade que representa os lojistas.

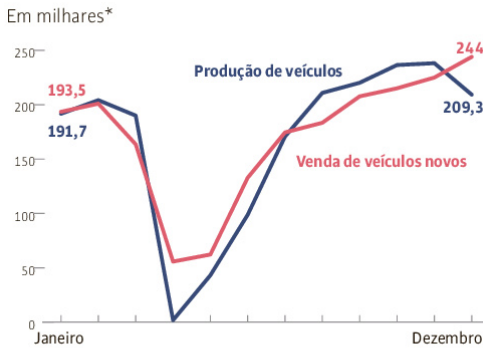
Associada ao avanço da pandemia de Covid-19 no país, a questão tributária em São Paulo fez a Anfavea ser mais



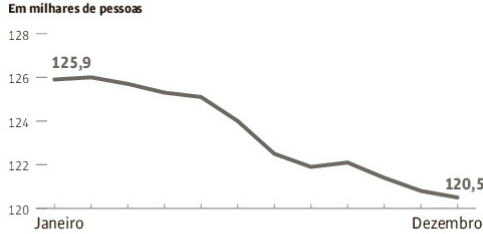
Funcionária trabalha em chassi de caminhão na linha de produção da Mercedes

Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

Balanco do setor automotivo em 2020



Número de empregados nas montadoras em 2020



*Carros de passeio, comerciais leves, ônibus e caminhões
Fontes: Anfavea, Fenabrave e Renavam

Agronegócio puxa venda de caminhões e máquinas rodoviárias

ANÁLISE

Mauro Zafalon

SÃO PAULO Com um retorno previsto de R\$ 1,03 trilhão nas vendas de seus produtos agropecuários dentro da porteira neste ano, o agronegócio não vê neblina pela frente no que se refere à recomposição de máquinas e de equipamentos agrícolas em suas fazendas.

A espera de uma demanda firme do setor neste ano, as indústrias produziram 118% a mais no mês passado do que em igual período de 2019.

O produtor já mostrou seu apetite e adquiriu 50% mais máquinas em dezembro, em relação a igual período de 2019, quando a pandemia ainda não afetava o Brasil.

Os dados são da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) e foram divulgados nesta sexta-feira (8).

O agronegócio foi responsável não apenas pela melhora nas vendas de máquinas agrícolas mas também nas de caminhões e de máquinas rodoviárias.

O licenciamento de caminhões classificados como pesados e semipesados caiu 10% em 2020, em relação a 2019. Nesse mesmo período, a retração dos caminhões classificados como médios foi de 17%, e a de autoveículos, 26%.

A produção de máquinas rodoviárias também avançou porque pelo menos um quarto das vendas do setor fica com o agronegócio.

Além do aumento da própria renda para renovar ou aumentar a frota, o setor do agronegócio teve crédito à disposição. Os recursos financeiros do agricultor vêm também das operações de vendas antecipadas da safra 2021, que ainda não foi colhida.

Bons preços e dólar favorável fizeram com que pelo menos 60% da produção de soja, que ainda será colhida nos próximos meses, já tenha sido comercializada antecipadamente.

Alexandre Bernardes, vice-presidente do setor de máquinas da Anfavea, diz que o setor está pujante, forte e com vontade para aquisições. Apesar da pandemia, as vendas internas de máquinas agrícolas somaram 47 mil unidades em 2020, um volume 7% acima do de 2019.

O número de trabalhadores nas indústrias de máquinas agrícolas e rodoviárias, que era de 18,89 mil em dezembro de 2019, subiu para 19,32 mil no fim de 2020.

O presidente da Anfavea, Luiz Carlos Moraes, acredita em avanços em 2021 na indústria automobilística, como um todo, mas ainda vê neblina pela frente. Entre os desafios, estão questões fiscais, mercado de trabalho fraco e aumento de carga tributária.

Quanto a este último ponto, a disposição do governo paulista em colocar em prática a nova tabela de reajuste de ICMS sobre a venda de máquinas agrícolas e de caminhões vai onerar o setor agropecuário direto e indiretamente, segundo a associação.

As estimativas da Anfavea para este ano são boas no setor de máquinas. A associação estima uma produção de 58,8 mil unidades, 23% mais que em 2020. As vendas de máquinas agrícolas, com crescimento de 5%, deverão somar 44 mil unidades.